

O ARQUIVO DE UM PESQUISADOR DOS MISTÉRIOS DO RIO GRANDE

Desde meados de 2022, o IHGRGS possui um dos mais expressivos conjuntos de documentos relativos às pesquisas sobre temáticas que fazem parte da história popular do estado, que pertenceram a Carlos Galvão Krebs (1914–1992). Formado em Direito (1943), Geografia e História (1947) e Artes Plásticas (1950) pela Universidade do Rio Grande do Sul, dedicou boa parte de sua vida intelectual a compreender os fenômenos folclóricos, tendo para isso atuado de forma decisiva na formação do Instituto de Tradição e Folclore, embrião do há pouco extinto IGTF. Seu arquivo, preservado graças aos esforços de seus descendentes, inclui documentos, fotos, registros sonoros e uma interessante coleção de alguidares – item utilizado na realização de manifestações religiosas de matriz afro – podem ser o subsídio para a continuidade de suas investigações. Parte do acervo documental foi disponibilizado no site da instituição, em um projeto que tem como foco as pesquisas folclóricas, e os demais itens podem ser vistos na sede do IHGRGS. Como forma de registro, e considerando a temática relacionada às Missões em seus 400 anos, seguem aqui alguns exemplares desse rico acervo.

Boa leitura!

Texto de Carlos Galvão Krebs para a Revista Horizonte, em 1949:

Março - 1949

Ano I - Nº 1.

HORIZONTE

3

Capítulo da História das Missões

Carlos Galvão Krebs

A sua co-participação, ou melhor, autoria intelectual da resistência armada à execução do Tratado de 1750, os jesuitas já admitem hoje. Só dois séculos após, e apesar de toda a documentação amontoada desde então. Mesmo aceitando-a, Serafim Leite S. J., na «História da Companhia de Jesus no Brasil», procura justificá-la, acenando para o fato de terem trabalhado pelos interesses de Espanha os inicianos missioneiros. A nosso ver é outra a verdade: lutaram eles contra a Espanha, tanto quanto contra Portugal. E a favor tão só da Companhia. É a única conclusão a que pode chegar o historiador insuspeito.

A coroa que possuísse ambas as margens de um rio, teria seu uso exclusivo. No caso do Rio da Prata, Espanha necessitava absolutamente (e os documentos o confirmam) eliminar Portugal da margem esquerda. Assim se adonaria inteiramente daquela desembocadura de tão grande importância econômica e estratégica. Por isso permutou a Colônia do Sacramento pelos Sete Povos.

Se em verdade os jesuitas pugnavam na órbita de Espanha, cabia-lhes não só permitir como auxiliar a execução do Tratado. O que se viu foi exatamente o contrário.

Depois de queimarem todos os cartuchos políticos no intuito de obstá-la, tendo provocado isto a desgraça de um Ministro e a exoneração de um confessor real, atiram-se decidida, mas subrepticamente, à luta armada.

Levam à guerra os catecúmenos, já adestrados no manejo da espingarda desde 1635. Era tão grande sua confiança no poderio militar das hostes guaranis que, dois anos antes da assinatura do Tratado, e pouco depois da vitória de Mbororé, o jesuíta Francisco Rodrigues escrevera arrogantemente: «Exterorum axes non timemus. Nihil foris conturbare nos potest».

Não fora em vão que os inicianos haviam trazido para as Missões especialistas em militância. Foi necessário que os exércitos de dois impérios — dos mais poderosos da época — se aliassem para enfrentá-los com vantagem.

No início da contenda, quando se pretendia começar a demarcação dos limites acordados, viera com o comissário

espanhol, Marquez de Valdelirios, o Padre Luiz Altamirano S. J., que o Geral da Companhia enviava com plenos poderes sobre os loiolistas missioneiros. Sua incumbência específica era facilitar a evacuação dos Sete Povos.

De chegada, Altamirano encontra os companheiros de ordem inteiramente sublevados. Não às claras, mas movendo os fios por traz dos bastidores. E teve de viajar — é surpreendente — garantido por escolta dentro do próprio território de sua jurisdição. E que Sepé andava no seu rastro com trezentos homens para liquidá-lo de uma vez. Altamirano recebeu para Buenos Aires. É desacatado em carta pelo Padre Cardiel, a quem teve de punir, ainda que brandamente, é verdade. «A Província não abre os olhos. Os padres ou mentem ou são mentecapotos», afirma na retirada. A primeira alternativa era a expressão da verdade.

Tadeus Henis, Lourenço Balda e outros jesuitas, orientando os neófitos, lideravam a resistência.

O que espanta, porém, em tudo isto, como fato incrível, é a total desobediência ao próprio Geral da Companhia, na pessoa de seu plenipotenciário.

Sabe-se que a Sociedade de Jesus foi organizada por Loiola, um ex-guerreiro, em moldes militares. Além dos votos comuns a várias ordens religiosas, a Companhia exige um que a singulariza particularmente. É o da obediência total e cega, com a qual os inicianos se tornam instrumento passivo nas mãos dos superiores.

Pois a submissão absoluta, neste episódio missioneiro se transformou gradativamente em pública, notória e violenta insubordinação.

Pode-se avaliar perfeitamente o que significa isso?

Que força secreta, que tremendo impulso animava os padres para agirem desta forma?

Em verdade, Altamirano teve uma conduta equivocada. Por um lado, escrevia dezenas de cartas, circulares, ordens expressas reforçadas com preceitos, ameaçava com excomunhão, tentando obrigar os missionários a efetivar a evacuação

Fotografias do autor nas ruínas de São Miguel:

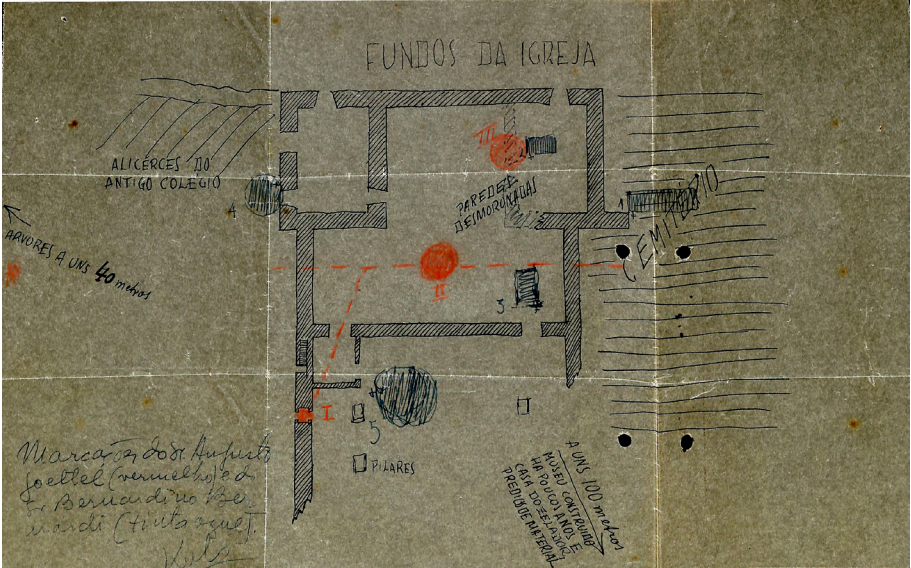




Estátua com área aberta na parte traseira, examinada pelo pesquisador



Croquis da área das edificações



TRADIÇÕES MISIONEIRAS
HISTÓRIA, ARTE E SEGREDO DAS MISSÕES

Conferência em 17-5-1956
NOVO HAMBURGO

1. HISTÓRIA BREVE DOS SETE POVOS
2 cartas
→ 1750 — 1761 — 1801 ←
2. ARQUITETURA DE SÃO MIGUEL:
PROTO-BARROCO DO SÉCULO XVI, inspirado
no GESU, Roma, de Vignola, De Rossi
e Trissacchi.
3. CONSTRUÇÃO — DESTRUIÇÃO
RESTABILIZAÇÃO
→ PROTEÇÕES ←
4. ESCULTURA
Barroco — Em cheque a tese
de simples copistas
→ PROTEÇÕES ←
5. SEGREDO
TESOUROS — Imagens, POSTIGA
TUNEIS
→ PROTEÇÕES ←

FIM

Material de curso sobre o tema
Imagens das pesquisas nas ruínas das Missões:





BREVE NOTICIA SOBRE A IGREJA DE SÃO MIGUEL

C.G.K.

O povo de São Miguel foi fundado em 1687, integrando os chamados Sete Povos das Missões, na segunda fase histórica da catequese jesuítica em terras do atual Estado do Rio Grande do Sul.

Em 1717 chegava ao Rio da Prata o irmão coadjutor Gian Battista Primoli, arquiteto milanês. Trabalhou erguendo templos para a Companhia, em Buenos Aires, Misiones e São Miguel especialmente. Desde 1735 (data certa) e mesmo antes (data incerta) já se trabalhava na construção do grande templo da redução de São Miguel, com planta e direção efetiva de Primoli. Desde ~~1735~~ 1737, até 1744 se empregaram, diariamente, de 80 a 100 operários na obra, operários evidentemente indígenas. O templo foi construído com arenito rosado irregular, extraído ~~na~~ cerca de três léguas do local. Somente as pedras externas das paredes são aparelhadas com simplicidade: o recheio dos muros é de pedra irregular. Por falta de cal usou-se pouca argamassa, e esta, de barro.

O templo é magnífico e foi o mais belo dos Sete Povos. Estilograficamente se filia ao proto-barroco do Século XVI, inspirando-se de maneira flagrante na Igreja de Jesus, de Roma, obra de Vignola, De Rosis e Tristacchi, igreja esta que é considerada como o protótipo dos templos barrocos.

Em 1750, pelo Tratado de Madrid, com os outros seis, o povo de São Miguel foi permutado pela Colônia do Sacramento, ^{pelas} ~~terras~~ côrtes de Portugal e Espanha. Por força do tratado, os jesuitas deviam transportar-se, com os índios, efeitos, moveis e semovantes, para o outro lado do Rio Uruguai, recebendo apenas a compensação de 4.000 pesos por povo abandonado, o que dava o total de 28.000 pesos. Ora, só um dos templos de cada redução valia mais do que o total. Isto, sem falar nos incômodos da marcha e nos prejuizos de almas. Espanha cedia tanta terra e tantos bens, afim de se adonar das duas margens do Rio da Prata: pelo Direito Internacional então vigente, a nação que possuísse as duas margens de um rio, podia fechá-lo à navegação internacional. O Rio da Prata tem enorme valor econômico

Material publicado relatando as buscas pelos supostos tesouros jesuíticos:

TESOUROS ESCONDIDOS

(Especial para o "Correio do Povo")

Quando, há cerca de dois séculos, foram os sábios jesuítas expulsos por ordem do reino português da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, fundadores que eram dos sete povos que constituíam as Missões da margem oriental do Uruguai, nasceu a crença das suas populações, terem os jesuítas na precipitação da fuga, perseguidos pelas autoridades portuguesas, escondido seus ricos tesouros em ouro, prata e objetos de arte, cavando poços no adro de seus templos majestuosos e em outros locais, ali sepultando aquelas riquezas. Daí, organizaram-se grupos de aventureiros, procurando tais riquezas, buscando nos fundos dos poços, fazendo grandes escavações nos centros e arredores dos templos, como ainda atestam o revolvimento de terras ali existentes. Diziam antigos habitantes daquelas regiões, muitos deles pessoas dignas de crédito, existir na foz dos rios Ijuí grande e Uruguai, num local ermo, uma grossa corrente de ferro, tendo uma ponta presa ao tronco de secular árvore à beira do rio Ijuí, estando a outra ponta lançada à água numa profundidade não alcançada pelos investigadores. O local é de acesso quase insuperável; entretanto, conta-se que em tempos idos, exploradores em busca de tesouros, empregaram até juntas de bois carreteiros para remover a corrente misteriosa, sem nada conseguirem. Supõe-se que o extremo da corrente esteja preso a uma caixa de ferro, estando esta no fundo do rio, porém coberta por uma tão grande camada de terra, areia e madeiras conduzidas pelas enchentes tornando, assim, impossível arrancá-la d'água.

O enterro de tesouros preciosos não é uma lenda popular; fatos demonstram suas realidades.

O inteligente e saudoso historiador Evaristo Afonso de Castro em sua preciosa obra "Notícia Descritiva da Região Missioneira", editada há mais de 60 anos e cujo direito à publicação da segunda edição me pertence, registra o seguinte fato: "No lugar de uma dessas reduções, situada na serra de Tapas, onde os jesuítas, por ocasião de sua fuga, haviam enterrado um precioso tesouro que

ficou perdido, e que, provavelmente, foi ocultado pelo Padre Cristóvão de Mendonça, que anos depois foi assassinado pelos índios Charruas nas imediações de São Borja, ali, o alemão E. Falkstrup descobriu em terras de sua propriedade, quando faziam um açude, uma enorme caixa contendo uma armadura completa de aço, finissimamente lavrada, com imbutido de ouro; uma espada com copos e bainha de ouro, guardada de pedras preciosas; uma belíssima lampada de prata dourada, cujo peso era de dez libras; quatro colheres de prata e, finalmente, 1617 moedas de prata e ouro a diversos valores todas com a efígie de Felipe III".

Na cidade de Cruz Alta, viveu muitos anos um português geralmente conhecido pelo nome de Mota Rico, possuidor de fato, de apreciável fortuna em dinheiro e imóveis. A melhor casa residencial com grande jardim e árvores frutíferas da cidade, era sua. Era casado e não tinha filho.

Projetou um passeio à terra natal e, para isso, acumulou dinheiro em ouro que, ao tempo, era abundante. Possuía nas proximidades da cidade uma propriedade rural que visitava diariamente.

Às vésperas de sua viagem, indo a caminho de sua fazenda, encontrou, nas proximidades um pobre velho travando às costas um saco de carvão vegetal.

Mota Interpelou o velho e fabricára esse carvão tendo como resposta a confissão de ser o carvão fabricado em suas matas. Mota indignado chateou-o; reagindo, o velho utilizando-se de uma faquinha, introduziu-a na barriga de seu agressor, matando-o.

Existia na cidade, um velho médico português, Dr. Francisco Noronha viúvo, que passou a viver com a viúva do Mota (ainda não tinha sido inventada a moda, ora corrente, de um passeio à Riviera, porque então se diria, casou-se). Falecendo ela, legou seus bens ao Dr. Noronha, pessoa grandemente estimada.

Decorridos — tempos da morte dessa viúva disseram ao Dr. Noronha que o dinheiro ouro acumulado por Mota, conserva-

do pela viúva, deixára, esta, à sua velha amiga sra. Isabel Veríssimo da Fonseca, também viúva e pertencente a mais antiga e prestigiada família Cruzaltense.

Dr. Noronha íntimo amigo dessa senhora e de seu filho Olívrio Veríssimo da Fonseca, cavalheiro de grande projeção comercial e social, o qual transmitiu à sua mãe o que lhe dissesse Noronha sobre o dinheiro em referência. Olívrio interpelou sua veneranda mãe a respeito e essa senhora, muito serenamente, convidou Noronha à sua presença, para indicar o local onde fora enterrado o tesouro, deixado por Mota e sua esposa. Na residência do casal, num canto de grande porão ali estava colocado dentro de uma caixa de folha de flandres. Noronha não quis ir assistir à exumação, encarregando disso um seu filho e Olívrio, que levaram para o trabalho uma pessoa de confiança da família Veríssimo. Foram encontradas moedas de ouro português, libras esterlinas e onças hespanholas. As libras eram cotadas a Rs. 10\$000 e as onças Rs. ... 32\$000.

Fui o intermediário na venda desse ouro, aqui nesta Capital, à firma Vva. Claussen & Cia., apurando cerca de Rs. ... 60.000\$000. Entrei no erário de Mota e fui bonificado com vinte e cinco libras.

Encontraram-se, assim, dois tesouros um de ouro, enterrado do sovinaamente, outro àquela senhora Isabel Veríssimo da Fonseca honrada em extremo, indiferente ao tesouro cuja existência lhe fora confiada, guardando religiosamente o segredo de sua amiga, sem mesmo revelar ao seu filho, certamente considerando segredo inviolável e que com ela seria sepultado, se não fora a suspeita insidiosa de alguém de ter se apossado desse ouro.

Maior tesouro foi esse, revelador do caráter desambiçoso de dona Isabel, de consciência e mãos limpas, um dos maiores bens da vida.

Na paz foi ela, assim; na guerra, não seria menos que as nossas heroínas, pela renúncia dos bens da terra, uma vez em jogo sua honra.

Matuzalem

